

RELIGIÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO

UM OLHAR SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DE IDENTIDADES E PRÁTICAS SOCIAIS DE LÍDERES FEMININAS PENTECOSTAIS

Claudirene Aparecida de Paula Bandini*

Resumo: O presente artigo analisa as práticas sociais, as intrigas e as transformações de identidades mediante as relações de poder-dominação de gênero no interior da Igreja Pentecostal, a Assembléia de Deus. Por meio da combinação de técnicas de pesquisa da História Oral e da categoria relacional e histórica de gênero, a presente comunicação evidenciará como as práticas culturais das líderes têm gerado transformações e influenciado na reconstrução das identidades femininas pentecostais.

Palavras-chave: religião, gênero, empoderamento social

Abstract: This communication examines the social practices, the intrigue and the changing of identities through relations of power, domination of gender within the Pentecostal church, the Assembly of God. Through a combination of technical research of oral history and the historical and relational category of gender, this notice show how the cultural practices of the leaders have created change and influenced the reconstruction of female identity Pentecostals.

Keywords: religion, gender, social empowerment

Introdução

A lógica social da ideologia dominante assumida pelas instituições religiosas reforça a noção de "ordem eterna da natureza" (HUBBARD, 1999) ao identificar como vontade divina uma "vocação específica" para as mulheres: o cuidado com a família. Neste sentido, o 'enovelamento' das categorias sociais (gênero, idade, classe, raça e estado civil) permite evidenciar os diferentes modos de subjetivação e de sujeição a que as mulheres pentecostais estão submetidas.

Como a "*ordem simbólica não é completamente acatada pelos corpos*" (BUTLER, 2003), algumas mulheres pentecostais têm resistido às imagens e aos discursos de poder. Este ensaio tem o objetivo de elucidar as resistências ocultas contra uma "produção de verdade" que controla a liberdade individual e coletiva que tenta impedir a emancipação das mulheres sobre si mesmas.

O presente texto é parte de uma pesquisa de doutoramento que analisou as práticas sociais de líderes femininas de três igrejas pentecostais, Igreja do Evangelho Quadrangular

* Pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos sob orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Moraes Silva. Pesquisadora na área de gênero, memória e patrimônio imaterial; Tutora no curso de Pedagogia na UAB-UFSCar; membro do grupo de pesquisa do CNPq "Terra, Trabalho, Memória e Migrações", Associação Brasileira de História Oral (ABHR) e International Society for the Sociology of Religion (ISSR). E-mail: birene@terra.com.br.

(IEQ), Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Assembléia de Deus (AD). Por intermédio da categoria histórica e analítica de gênero de Joan W. Scott e das técnicas de História Oral, o estudo compreendeu como a realidade dessas mulheres apresenta-se ambígua, conflituosa e multifacetada. Desvendar suas práticas de resistências cotidianas e o processo de conscientização das contradições e ambigüidades inerentes ao discurso religioso foi um dos principais objetivos da pesquisa. Portanto, um primeiro olhar sobre o campo pentecostal, permite apontar que a desvalorização do trabalho feminino no interior das igrejas decorre da concepção universal e generalizante de “ser mulher”, pois o *corpo*, a *marca*, o *nome* e o *gênero* são domínios sociais e simbólicos intrigantes para a compreensão das relações de gênero da sociedade contemporânea¹.

Os depoimentos apresentados nesse texto comprovam que as mulheres, aquelas que conquistaram o próprio nome, utilizaram em algum momento na vida doses de agressividade, ruptura social, independência de pensamento e de comportamento impostos pela ideologia dominante. O trabalho empírico demonstra a descoberta de que as mulheres podem tomar conta de si mesmas, embora algumas condutas ainda não direcionem diretamente para a transformação da desigualdade de gênero porque frases, tais como, “*Elas não conseguem porque a culpa é delas*” ou “*elas é que não querem*” ainda reforçam a estrutura patriarcal do campo religioso².

Igreja Assembléia de Deus: Um estudo de caso

O estudo de caso referente à Igreja Assembléia de Deus elucida sua formação histórica e cultural bem como o discurso oficial e a dominação patriarcal que estruturam a vida dos agentes envolvidos no jogo, uma vez que há uma relação direta entre as alterações sociais e econômicas da sociedade mais ampla e o processo histórico-cultural de cada denominação religiosa.

Neste sentido, cabe salientar que a origem da Igreja AD se deu no Pará por dois missionários suecos migrantes de Chicago, Gunnar Vingren e Daniel Berg. Após permanecerem na região Norte e Nordeste, por aproximadamente 15 anos, os missionários acompanharam a migração interna e seguiram para o Sudeste. Em 1930, já se podia encontrar

¹ Ver: PONTES, Heloisa. A burla do gênero: Cacilda Becker, a Mary Stuart de Pirassununga. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*. V.16. n.1. jun. 2004. p.231-262

² Não cabe neste texto aprofundar os conceitos de Pierre Bourdieu, mas cabe ressaltar que sua teoria do *campo religioso* permite explicar a produção e o consumo dos bens religiosos quando relaciona os diferentes funcionários religiosos aos interesses externos do grupo ou das classes sociais cuja posição é legitimada pela religião. O campo nada mais seria do que um espaço no qual “há uma luta pela imposição da definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar nesse jogo”. (BOURDIEU, 1990, p.119).

uma Igreja da AD em todos os estados do país. Esse também é o ano em que a Igreja consegue sua autonomia em relação à Missão Sueca e realiza a transferência da sede de Belém para o Rio de Janeiro. Este é o período da nacionalização da Igreja.

A Igreja possui um sistema de governo oligárquico que se distribui em Igrejas-mãe (ou Igreja sede) e suas congregações. Ao conhecer seu processo histórico, torna-se possível entender algumas características que ainda marcam a AD. A maior parte da cúpula nacional é formada por nordestinos, geralmente de origem rural, com isso, suas características de Igreja oligárquica, caudilhesca e de sistema patriarcal (FRESTON, 1994) derivam de seu processo de origem, marcado pela experiência de seus fundadores suecos e pelo sistema pré-industrial do período correspondente aos anos 1930 a 1960, em que predominava o coronelismo nordestino. A AD se expande e, simultaneamente, amplia os preconceitos em torno da Igreja, uma vez que, permitia o exercício da glossolalia ao analfabeto, ao negro e à mulher “*algo inusitado para a época*”. O desinteresse pelo poder midiático e político da Igreja se perde no final dos anos 90, quando a denominação começa a seguir os passos da IURD em direção ao “sucesso”³ político e econômico conquistado por ela.

A história oculta da Missionária Frida Vingren

O caráter cultural e social sueco-nordestino da AD nunca cogitou a inclusão das mulheres no ministério, apesar da Igreja ter contato, em sua origem, com o trabalho contínuo e reconhecido da missionária Frida Vingren, esposa do missionário Gunnar Vingren. O casal liderou a Igreja nos seus primeiros vinte anos e, em todas as ausências do marido, Frida assumiu a direção da Igreja. Ela pregava, cantava, tocava, produzia artigos sobre escatologia, poesia, doutrinava, visitava hospitais e presídios e, especialmente, dirigia o culto e ministrava estudos bíblicos.

Foram os efeitos produzidos pelo imaginário social da época que não permitiram aos líderes nortistas e nordestinos abrirem a questão do ministério feminino o que os levou a lutar contra o modelo eclesiástico que se configurava a partir da liderança exercida por Frida Vingren⁴.

A prática ministerial de Frida, mesmo que sem a legítima ordenação, provocou tamanho incômodo entre os líderes do Norte e Nordeste que a temática do ministério feminino

³ As aspas (‘’) sugerem a maneira peculiar em que o termo aparece no contexto sociológico. O termo ‘sucesso’ refere-se ao contexto social específico das relações entre religião e poder político e midiático na análise sociológica. Segundo Peter Berger, o/a sociólogo/a não pode usar aspas que não seja por causa do conhecimento sistemático, pois a própria lógica de sua disciplina o/a força a identificar e a compreender as diferentes realidades sociais (BERGER e LUCKMANN, 1976 p.12).

⁴ CASTELHANO, 2003, p. 61.

foi introduzida na Primeira Convenção em 1930. Deste evento, resultou o seguinte documento sobre a atuação das mulheres na AD:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também apresentando instrução se assim for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma Igreja ou de ensinadora da mesma, salvo em casos de exceção mencionados em Mt 12.3-8. Assim deve ser, especialmente quando não existem na Igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar⁵.

Frida foi a única mulher que participou ativamente das sessões convencionais da Convenção Geral de 1930 defendendo o ministério feminino. Após essa Convenção, “*as discussões convencionais passaram a ser reservadas apenas aos homens, sendo facultado às mulheres a participação apenas nos cultos públicos à noite*”⁶. A figura de Frida permanece forte entre as mulheres assembleianas que buscam um diálogo sobre essa temática porque esta missionária enfrentou várias barreiras para executar sua tarefa ministerial, pois estava inserida numa cultura que não aceitava a projeção das mulheres.

Somente o Senhor sabe das tribulações e sofrimentos que temos passado como preço por esse trabalho. Têm sido dias e noites de oração, lágrimas e agonia [...]. Durante todo este tempo, tenho-me sentido completamente esgotada dos nervos e também sofrido do coração [...]. Não quero defender-me, pois não sou perfeita [...]. Uma coisa quero dizer [...], estou pronta para continuar assim”⁷.

Frida morreu só, asilada, desconhecida, sendo enterrada como indigente. Depois da Convenção de 1930, missionários brasileiros fizeram com que se esvaísse o trabalho feminino na Igreja. Embora existam várias mulheres ordenadas ao diaconato e ao trabalho de missão, ainda persiste na AD a visão masculina da história da Igreja e reducionista das potencialidades do ministério feminino. Para Elienai Castellano, “*a AD no Brasil ainda é devedora de uma discussão mais aprofundada e imparcial dessa temática*”⁸.

Transformações de identidades e práticas de empoderamento social

O campo religioso (BOURDIEU, 1990) pesquisado é o da Igreja Assembléia de Deus, Ministério Madureira. Os dados sobre os conflitos sociais e as transformações nas relações de poder e dominação de gênero foram construídos a partir das ferramentas metodológicas da História Oral, como análise cruzadas dos cônjuges, história de vida, observação participante e análise bibliográfica e teórica entre os anos de 2004 e 2007. As depoentes são missionárias residentes no interior do Estado de São Paulo e Capital. Todas as entrevistas foram gravadas,

⁵ CASTELHANO, Op.Cit. 68.

⁶ CASTELHANO, Op.Cit. 69.

⁷ Citação do diário de Frida, in: CASTELLANO, Op. Cit, p. 75.

⁸ CASTELHANO, Op. Cit., p.13.

transcritas e seus nomes verdadeiros substituídos pelos fictícios para a preservação de suas identidades.

A análise relacional e histórica da categoria gênero, orientada por Joan W. Scott (1990), foi adotada pela pesquisa por ser o conceito que melhor permite detectar até que ponto as práticas dessas mulheres romperam (e rompem) com o sistema patriarcal vigente e até que ponto elas o reproduzem. Seu conceito está baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e constitui-se como forma fundamental de dar significado às relações de poder. Scott argumenta que as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre às mudanças nas representações de poder, porém a mudança não é unidirecional. Como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas, o gênero ^{inter-relaciona} quatro elementos ^{constitu}tivos das estruturas de poder:

- *Símbolos culturais*: evocam múltiplas representações diferentes e até mesmo contraditórias.
- *Conceitos normativos*: expressam interpretações dos significados dos símbolos que limitam suas possibilidades metafóricas. A religião, a educação, a ciência, política expressam estes conceitos na forma típica de oposições dualistas, categorizando o masculino e o feminino.
- *Organizações e instituições sociais*: gênero não se restringe ao sistema de parentesco. O gênero é construído também na economia e na política.
- *Identidade subjetiva*: os modos pelos quais as identidades de gênero são substantivamente construídas. Estes modos estão pautados nas organizações sociais e nas representações culturais historicamente específicas.

A articulação entre esses quatro elementos ^{constitu}i as relações de gênero que nega a universalidade do feminino permitindo o reconhecimento da diversidade cultural e das relações sociais diferenciadas em espaços e tempos históricos. Para Joan W. Scott, em toda história humana encontram-se esses quatro elementos definindo a inferiorização feminina em relação à superioridade masculina. Gênero, enquanto categoria analítica e relacional envolve os poderes que perpassam as relações entre homens e mulheres. Portanto, gênero é uma categoria construída historicamente, bem como, as categorias de classe, etnia e geração que definem os sujeitos históricos hierarquizando-os socialmente.

A AD é uma das maiores e mais representativas denominações conservadoras pentecostais do país. A pesquisa privilegiou as práticas femininas da Assembléia de Deus do Ministério Madureira por ser o único ministério que ordena as mulheres aos cargos de diaconisas e as consagra à função de missionárias. A AD está vivendo um processo interno de quebra de paradigmas, pois sob uma administração patriarcal e conservadora, em razão do próprio processo histórico-cultural marcado pelo coronelismo nordestino, o modelo feminino cristão tem sido questionado e ameaçado pelas próprias líderes; especialmente missionárias.

As esposas de pastores também têm sido influenciadas pelas mudanças de comportamento de suas líderes. A marca de 'esposa de pastor' também tem sofrido transformação porque as mulheres conscientizaram-se de que a trajetória feminina não pode, passivamente, ser ofuscada pela figura do marido-pastor. As missionárias assembleianas enfrentam uma convenção que dita as regras de vestimenta e de comportamento feminino um modelo que valoriza a mulher dedicada a casa e a família. Assim sendo, as convenções sociais requerem destas mulheres, que galgam algum poder e autonomia, muito mais resistência, reinterpretação e subversão para a realização de seus *projetos*, já que estão submetidas a um tradicionalismo que busca legitimidade na fonte sagrada, a Bíblia.

Nesta perspectiva, a marca social de *missionária* exerce prestígio, status e poder entre as próprias mulheres da Igreja, gerando assim mais intrigas sociais entre mulheres e homens e homens e homens. Algumas mulheres afirmam que qualquer sinal de projeção do trabalho feminino é visto com reservas pela cúpula masculina. Muitos permanecem em alerta, a qualquer sinal de perigo, em outras palavras, à ameaça das mulheres aos espaços masculinos. Os depoimentos seguintes demonstram as realidades femininas vividas no interior desta igreja pentecostal que está presente em todas as partes do Brasil⁹.

Eu conquistei um respeito muito grande entre os pastores porque descobri que tenho um *chamado* específico. Tenho um prazer muito grande em ministrar, mas minha outra realização foi terminar meu curso de Direito e estagiar no Fórum, foi uma realização fora da Igreja. (...) Na minha opinião as mulheres que não têm nome não têm porque não querem porque elas querem continuar como vasos de Igrejas, aquele vaso bonito que aparece no dia de festa.[...] Elas não querem trabalhar porque não é fácil. Elas não querem se expor e assumir responsabilidades. (Missionária na Capital, 35 anos, branca, 2 filhos, advogada e esposa do pastor-presidente estadual e nora do pastor-presidente nacional)

O reconhecimento pelo trabalho das mulheres na igreja é lento porque a prática de ordenação feminina é algo muito recente na AD. Célia, missionária em Campinas, 59 anos, negra, ensino médio, 3 filhos, esposa de vice-presidente regional, pertence à geração de missionárias que está abrindo as portas para as demais e seu projeto é ver as mulheres chegando a cargos, atualmente, ocupados somente por homens. Nas palavras da Missionária:

Durante muitos anos as mulheres eram só conhecidas como 'esposa do pastor'. Com o passar do tempo, as próprias mulheres começaram a reivindicar dizendo: "Nós temos nome, nós temos nossa particularidade, somos alguém".

⁹ Frutos do trabalho empírico referentes à minha tese de doutorado, os depoimentos coletados entre 2005 a 2007, foram gravados e transcritos com a autorização das entrevistadas. Seus nomes verdadeiros foram substituídos pelos fictícios para a preservação de suas identidades.

Assim sendo, algumas práticas começaram a ser exigidas pelas mulheres. Uma delas é: quando um pastor será apresentado no púlpito, obrigatoriamente, sua esposa tem que ser apresentada também sendo seu nome mencionado. De modo geral, apresentava-se somente o pastor fulano de tal seguido do termo "...e sua esposa", sem mencionar o nome dela. "*Os pastores tomaram esta consciência e quando vão apresentar o pastor já perguntam se a esposa está presente para ser apresentada também*", afirma Mss^a Célia.

Na maioria dos casos, a esposa de obreiro acompanha o ministério do marido. No caso de Célia, quando seu marido galgou a carreira pastoral, ela o fez também pelo fato de ser esposa dele, mas enfatiza:

Meu marido me puxou, mas o meu cargo de missionária fui eu que conquistei porque eu me dedico naquilo que eu faço. Eu sempre fui assim e por isso eu conquistei, mas eu sempre tive o apoio do Pr Samuel [líder estadual] e especialmente da Mss^a Mariana [sua líder]. Acredito que sem ela eu não teria chegado aonde cheguei. (...) nós estamos fazendo o trabalho mais pesado, acredito que as próximas mulheres vão pegar a coisa mais leve.

Para Mss^a Célia, a abertura no âmbito do ministério se faz quando o pastor delega funções às mulheres, concretizando assim, uma relação de confiança. Nas convenções da Igreja quando as mulheres têm a oportunidade, suas falas são direcionadas, especialmente, ao público feminino porque as mulheres líderes lutam para que as demais também conquistem o próprio nome: "*se você quer ter seu nome, você tem que lutar e fazer a diferença no trabalho pastoral*", diz Célia que planeja cursar o Mestrado dando continuidade em seu itinerário educacional.

Célia relata que o momento mais difícil durante o trabalho ministerial é quando ela recebe uma crítica, pois normalmente, "*vem da parte do homem e de forma preconceituosa*". Neste sentido, ela narra expressando ressentimento:

Eu sei que...se...se fosse um outro homem eles agiriam diferente. Aqui eu sou respeitada pelos anos de trabalho, pelo meu marido que é vice-presidente, mas dependendo do lugar que eu vou, se é um obreiro novo, eu sinto preconceito. "*Olha é mulher*". Mas eu finjo que não vejo e faço o melhor que eu posso. Eu tento superar mostrando para ele que não é por aí. P. ex. quando eu vou pregar num congresso, ali atrás de mim está cheio de obreiro e não posso deixar a desejar porque eles acham *que ali devia ter sido um obreiro*. Mas a gente tem que mostrar que as coisas são diferentes, a gente enfrenta muito isso com homens que vêm de outra igreja porque o trabalho deles é diferente.

Durante muitos anos as mulheres eram só conhecidas como esposa do pastor. Com o passar do tempo, as próprias mulheres começaram a reivindicar dizendo, nós temos nome, nós temos nossa particularidade, somos alguém. Hoje em dia, dificilmente no nosso Ministério, o nome da esposa não é dito. Os pastores tomaram esta consciência e quando vão apresentar o pastor já perguntam se a esposa está presente para ser

apresentada também porque a esposa de pastor acompanha o ministério do marido. No meu caso quando meu marido subiu eu subi junto pelo fato de ser mulher dele, mas o meu cargo de missionária fui eu que conquistei, entendeu? Porque eu sempre trabalhei na igreja e me dedico naquilo que eu faço.

O casamento também se apresenta como um espaço de interação, negociação, construção de estratégias e de desenrolar itinerários dos cônjuges¹⁰.

No espaço da Igreja, há vários conflitos entre os casais da liderança por conta de sentimentos de ciúmes dos maridos em relação ao trabalho de suas esposas na Igreja e vice-versa. Quando um cônjuge dedica-se demais ao trabalho religioso as tarefas domésticas e o cuidado com os membros da família torna-se uma carga pesada para o outro. Neste sentido, a orientação da Igreja para a liderança tanto feminina quanto masculina é de que a atenção vá, primeiramente, para a família, depois para Jesus e, em terceiro lugar, para a igreja. Porém, essa é uma regra que poucos líderes conseguem seguir.

A citação seguinte aponta outro tipo de conflito conjugal em relação à mobilidade social e eclesial das mulheres assembleianas. Trata-se da diaconisa e esposa de pastor que ainda não conquistou o ministério evangélico devido às dificuldades de negociação com seu esposo, especialmente em relação ao seu ingresso na faculdade.

O Naldo é ciumento e, às vezes, eu noto que quando eu pego a Bíblia pra ler ele já fica assim, nossa, eu preciso me cuidar senão ela vai passar na frente. Eu sinto isso. Às vezes, ele fala: você é muito mais forte do que eu. Então, eu digo, não é questão de ser mais forte, não vou passar na sua frente e nem quero ser mais do que você eu acho que a gente tem que andar junto. Mas eu penso, meu Deus, eu sei que eu posso fazer isso, mas eu tenho medo de atrapalhar ele. O Naldo sempre foi inseguro, mas para o homem sempre foi mais fácil subir no púlpito pra pregar, é normal. Se ele falhar não vai nem ser percebido, mas pra gente é um teste. Antes, se eu fosse dar um passo a mais eu tinha medo porque ele já teve muita depressão, então eu tinha medo dele cair em depressão decorrente de eu estar lá na frente e ele tentar ir e não conseguir, mas eles não têm o mesmo sentimento com a gente... é da raça deles mesmo. Eu agora estou tendo outra visão, agora eu penso: o Senhor não tem uma obra na minha vida? Então o Senhor vai tomar conta dele porque eu vou em frente. (Diaconisa, 40 anos, branca, Ensino Médio completo, funcionária pública, 3 filhos).

O trabalho empírico identificou que as mulheres, aquelas que conseguiram o cargo de missionárias, reconstruíram (e reconstróem) seus projetos individuais, articulam seus poderes e superam discriminações sociais por meio de brechas construídas na própria estrutura social.

¹⁰ A técnica de pesquisa de construção dos *retratos cruzados* para análise dos efeitos do itinerário conjugal sobre a trajetória feminina foi baseada na seguinte bibliografia: BATTAGLIOLA, et al. *Dire sa vie! Entre travail et famille. La construction social des trajectoires*. CSU, Paris.1991

Uma das observações participantes realizadas foi na reunião com cerca de 40 esposas de pastores realizada por uma missionária na manhã de domingo dia 12 de novembro de 2006 na Igreja-Sede da Cidade de São Carlos. Em todas as visitas realizadas, a Missionária Isabel organiza uma reunião somente com as esposas de líderes porque em sua opinião muitas mulheres se sentem incapazes de apresentar seu testemunho de fé durante o culto. Durante a reunião ela faz a seguinte fala:

Quando a gente chama as mulheres para dar um testemunho, elas ficam amarelas, ficam brancas. Para elas, é mais fácil mexerem a cabeça dizendo que não tem do que sair falando. Então, a palavra dessa manhã é que você é uma árvore. Você tem *tudo* para ser uma árvore frutífera e você é tão importante, tão importante, tão importante que as suas folhas servem para enfeitar e seus frutos para alimentar. *Vocês são capazes de dar frutos, sim.* Mas muitas vezes, nós não damos valor a nós mesmas, nos achamos pequenas, incapacitadas, não é verdade? Mas, você é uma mulher muito especial para o Senhor, amém? Nós, mulheres, temos que ter um equilíbrio emocional porque, quantas vezes, somos atacadas e nos apagamos, não é verdade? Mas *nós somos vitoriosas.* Então irmãs, *tomem conta de suas vidas e sejam árvores frutíferas.* Diga para a irmã do seu lado: Saiba que você é uma mulher muito especial para o Senhor [cada mulher repete a outra].

Durante a reunião, a missionária associava estratégias de sobrevivência psicológica e social, questões e práticas que aumentam a auto-estima das mulheres, como por exemplo; criação e ampliação da rede de relações entre as mulheres assembleianas e entre outras mulheres fora da Igreja; desenvolvimento de habilidades ligadas à liderança; estímulo para o estudo e a importância da troca de experiências femininas. A pregação de Isabel busca motivar transformações culturais na organização religiosa, mas, inicialmente, discorre sobre a transformação da vida familiar das mulheres cujas maiores causas de adesão ao pentecostalismo estão ligadas às crises pessoais, conjugais, com os filhos e enfermidades. Muitas dessas assembleianas somente desenvolvem atividades no espaço da Igreja e não possuem nenhuma outra rede social mais ampla, além da familiar e de vizinhança. Portanto, estas esposas estão inseridas numa rede sustentada por princípios ideológicos rígidos que não lhes oferecem muitas oportunidades de negociação em relação à dominação masculina vivida com seus maridos e filhos. Reunião como esta possibilita que as esposas aprimorem sua auto-estima, a saúde física e emocional, pois a mensagem era vivenciada corporalmente: olhos fechados, repetição de frases em tom alto com braços erguidos e mãos fechadas; ou seja, exercícios que buscam a incorporação da mensagem. A seguir um exemplo desses momentos de corporeidade e discurso:

O Senhor está contigo, irmãs. Então, erguem suas mãos e digam comigo: eu sou uma mulher cheia de criatividade. [mãos erguidas, olhos fechados, repetem por três vezes a frase] Eu sou dona do meu destino..

Sua citação seguinte ilustra como as práticas femininas estão permeadas de luta pela superação de relações discriminatórias de gênero, raça, classe social e idade.

Mulheres vamos ser corajosas, vamos ser ousadas na presença de Deus. Você precisa ter coragem. Eu vou dizer uma coisa, hoje sou uma mulher muito respeitada, mas nem sempre foi assim. No departamento feminino, ninguém me via. *Tudo foi muito difícil.* Começava por ser mãe solteira, por ter 4 filhos, por ser negra, por não ter uma posição social e, por muitas vezes, eu não acreditei na Promessa, mas eu ouvi e nós temos que aprender a ouvir. Temos que aprender receber, por isso que existe um monte de mulheres que não oram mais, não cantam mais. *Onde está sua alegria?* (Pregação de missionária durante a reunião realizada somente para mulheres esposas de pastores)

As *resistências cotidianas* fazem parte da totalidade de processos que todos os sujeitos utilizam para construir suas identidades sociais. A Igreja é um espaço para a salvação das almas, da disciplina dos corpos e do comportamento correto. Contudo, a religião também pode ser um espaço para o entretenimento, participação e *empoderamento social*. Ao prestarem o serviço da salvação numa determinada comunidade, por meio da Igreja, as mulheres procuram conquistar prestígio e autoridade. Algumas manifestam *empoderamento econômico e psicológico*, uma vez que elas conquistaram a autonomia individual e percepção individual de força expressa em condutas e pensamentos de autoconfiança e de controle sobre sua própria vida, como elucidada a citação abaixo:

Como eu sempre gostei de unha bem feita e de adereços quando virei esposa de pastor e fui à Igreja pela primeira vez eu fiz um rabo de cavalo e meu marido disse: Sandra, você está linda, mas solte esses cabelos porque se o povo acostumar com você de cabelo preso e sem um batom, você vai ficar escrava da imagem que você está criando hoje. Então, apresente a imagem que você quer para o resto da vida. Na mesma hora, eu me arrumei. Eu nunca tinha pensado nisso. Ele já tinha idéia de que as pessoas são cruéis. *Prenda seu cabelo um dia e não use batom um dia* que você vai ver o que acontece. (Missionária na Capital, 36 anos, branca, 2 filhos, advogada)

Com o objetivo de democratizar o espaço religioso, a Mss^a Mariana realiza todo mês um culto para as mulheres seguidoras da Igreja na cidade de Campinas. Neste culto, predominam as mulheres com idade acima de 45/50 anos. As jovens presentes chamavam a atenção pelo vestuário liberal que usavam: jeans cós baixo e blusas justas ao corpo; saias acima do joelho ou longas com fendas profundas e blusas leves e transparentes. O culto começa com testemunhos espontâneos e, um deles foi de uma senhora de 61 anos de idade que narrou seu processo de conquista de sua primeira Carteira de Habilitação e a liberdade que passou a usufruir depois desta conquista pessoal. Outras mulheres também apresentaram

suas vitórias tanto na esfera pessoal como cura e parto bem sucedido quanto na esfera profissional como conquista de um novo emprego. Para a pregação, Mss^a Mariana escolhe o tema sobre a interação social das mulheres no trabalho cotidiano na Igreja. A Missionária declara que está “*cansada de ver tanta intriga entre as próprias mulheres*” e que a rivalidade é algo inconcebível “*para quem está se dedicando na Obra do Senhor*”. Mariana utiliza personagens bíblicas (Rute e Ester) como modelos femininos a serem imitados pelas seguidoras. A seguir um trecho de sua pregação:

Quando as portas se fecham é que Deus está abrindo as portas certas, as nossas. Não precisamos sofrer, só precisamos encontrá-las e entrar na porta certa. Se você tem o marido que tem, a sogra que tem, é que eles cooperam pro seu bem. As fofocas cooperam pro seu bem. Problemas com seu filho cooperam pro seu bem porque se você superar *você será uma vitoriosa*. As mulheres querem conquistar seu espaço querem ser valorizadas, *mas isso só é para mulheres corajosas*. Vocês precisam ser mais corajosas, terem mais autoconfiança. *Deixem de ser casquinha de ovo*. Qualquer coisa que escuta chora. *Chega disso*. Levantem a cabeça ou *fiquem no banco o resto da vida*.

Mariana finaliza a pregação discorrendo sobre a necessidade do companheirismo e a colaboração entre as mulheres seja sogra/nora; mãe/filha; líder/seguidora entre as próprias seguidoras e encerra: “*pois, se for para ter espaço na Igreja para brigar e ficar de cara feia deixe para os homens porque eles não resolvem os problemas da igreja nos tapas ou de cara feia*”. Senta-se em sua cadeira sob aplausos entusiasmados da comunidade.

As mulheres pesquisadas conquistam ganhos simbólicos e materiais a partir das estratégias sociais e do *empoderamento psicológico*. Aos poucos foram ocupando espaços e adquirindo direitos antes usufruídos somente pelos homens. A cúpula religiosa da Assembléia de Deus, predominantemente, masculina tem resistido às mudanças das identidades femininas. Sua estrutura de poder é legitimada e reproduzida pelas relações de parentesco, ou seja, o espaço não é democrático e o acesso não é igual a todas/os. As mulheres filhas, esposas, noras ou irmãs de líderes têm mais facilidade de conquistar o próprio nome do que as demais mulheres da igreja, por exemplo; a missionária, esposa e nora de líderes nacionais relatou: “*eu nunca poderia ter imaginado quantas oportunidades o casamento poderia me proporcionar*”. É forte a tendência de utilizar o capital familiar para manter uma linhagem familiar nos altos cargos da igreja, ou seja, a prática é da transferência de cargos de pais para filhos, genros, sobrinhos, cunhados e netos¹¹. Tal estrutura de poder é legitimada por uma lógica teológica que limita a hierarquia (permanente) sobre o critério das relações de parentesco. A

¹¹ O conceito weberiano de domínio tradicional é exercido pelo patriarca legitimado pelo reconhecimento antigo, pelo conformismo e pela orientação habitual; porém este sistema é desafiado pela autoridade *racional-legal* resultante da concorrência do mercado religioso e da preocupação com a ascensão social.

comunidade hierárquica da AD, como tantas outras instituições, é convidada pelo processo social a partilhar com seus membros a igualdade de capacidades, pois mesmo que o acesso seja mínimo cada um dos membros buscará a justificativa mais adequada para a posição que ocupa na instituição.

No entanto, o despertar dessas mulheres está associado à busca pela independência econômica e pela conquista pelo próprio nome. Elas rompem os estereótipos culturais que regem as qualidades, o potencial e a conduta adequada para o modelo feminino assembleiano.

A maior dificuldade que nós enfrentamos é das mulheres se associar a figura do marido. Elas querem acompanhar o marido e, por acompanhar o marido elas esquecem que elas também têm um nome e que elas têm que zelar por este nome delas porque elas também têm um chamado ministerial e elas precisam buscar a Deus e saber qual é o chamado que Deus tem para a vida delas. Assim, como tem para a vida do marido tem para elas também, mas elas ficam só acompanhando. O que você faz Irmã? “Ah, eu acompanho meu marido”. Mas eu acho que está chegando a hora da gente se abrir e falar o que a gente precisa, o que a gente quer. Eu tenho ensinado pra elas nos estudos que eu faço, nas reuniões, principalmente, neste campo de trabalho que eu estou que é um campo novo de trabalho, eu estou lá só há quatro anos, e eu tenho encontrado muita dificuldade das mulheres na Palavra: de tomarem a direção, de ficarem na frente ensinando. Eu falo a respeito de líderes, entendeu? De lideranças, não nas mulheres em geral porque eu trabalho mais com as lideranças de mulheres. (Missionária em Barra Funda, branca, 55 anos, psicóloga).

De modo geral, na Assembléia de Deus a esposa de pastor está autorizada ao ministério desde que sua vida conjugal esteja em harmonia, que seja submissa ao esposo e que seus filhos sejam participantes na Igreja e preguem o Evangelho. Portanto, o primeiro campo ministerial das mulheres é a própria unidade doméstica e, somente após serem ‘aprovadas’ neste espaço, elas podem partir para o *campo religioso*. Entretanto, há uma única mulher solteira ordenada missionária no Estado, cujo relato segue abaixo:

As mulheres que estão ativas na igreja ainda estão atrás de um homem. Na igreja que eu congrego, depois de tantos anos, o pastor separou as mulheres casadas e mulheres viúvas como diaconisas, mas eu não conheço mãe-solteira dentro da igreja que esteja no ministério, agora pai solteiro, ah eu já encontrei muitos. Eu vejo que não há uma igualdade e deduzo que eles imaginam que o homem é mais forte e que a mulher não dá para ser uma diaconisa tendo filho porque, provavelmente, em qualquer momento, ela vai cair de novo, quando pode ocorrer com os dois, entendeu? Eu consegui esta imagem sem uma figura masculina porque fui conquistando o espaço sem sentir e desafiar. Os homens de um modo geral e de diferentes igrejas me respeitam, me dão honra e me colocam no púlpito que é um lugar de honra dentro da igreja. Eu deduzo que junto com a Graça de Deus eu fui chegando sem sentir, não forcei, não fui dizendo, eu quero ser isso, sou solteira, mas eu quero. (Missionária em São Caetano, teóloga, negra, 49 anos, solteira)

Pela lógica das estratégias matrimoniais, Pierre Bourdieu (1990) considera que a estrutura e a história estão presentes nos atores através do *habitus*. Assim, um casamento mobiliza tanto a distribuição de um capital simbólico quanto econômico, tal que, os grandes negociadores são aqueles que sabem tirar o melhor partido de tudo isso. Então, a aparente “escolha do cônjuge” esconde a mobilização das necessidades dos atores e das transações passadas por cada um. O que permite ao *habitus* impor as técnicas sociais é a aplicabilidade da *afinidade espontânea* (vivida como simpatia) que aproxima os agentes dotados de *habitus* ou gostos semelhantes. Logo, produtos de condições e condicionamentos sociais semelhantes.

O itinerário conjugal entre missionária e pastor pode gerar espaços de constante interferência sobre as trajetórias femininas. O casamento, muitas vezes, elimina a autonomia pessoal da esposa em favor da indivisibilidade familiar e da ascendência do marido à carreira pastoral, pois o casamento influencia diretamente e diferentemente sobre a mobilidade social, a consolidação do status e posição das mulheres na sociedade.

Embora a interpretação do texto bíblico de Gênesis sobre a origem do homem e da mulher esteja fortemente enraizada na cultura assembleiana, reproduzindo a visão essencialista e de superioridade e autoridade do homem sobre a mulher, essas mulheres utilizam a interpretação de que Deus criou o homem e a mulher segundo a sua própria imagem e lhes atribuiu igualmente valores e responsabilidades. Nesta perspectiva, a interpretação da culpa de Eva é minimizada porque se considera que o homem também falhou no seu papel de líder ao dar mais ouvidos à voz da mulher do que à voz de Deus. A interpretação é de que o homem falhou em sua primeira luta espiritual. Contudo, os espaços femininos destacam-se na parte interna da Igreja, em tarefas de assistência social como o cuidado de idosos, doentes e crianças; educação de jovens e assim por diante. O espaço público da igreja (como da política; rádio; televisão e grandes campanhas de evangelização) os homens ainda predominam.

No cotidiano, algumas mulheres se apropriam do papel feminino para hierarquizar o poder diante de outras mulheres. Isso acontece quando elas se apresentam como criadoras dos melhores filhos, modelos para a Igreja, e possuidoras do melhor marido da comunidade, geralmente o líder. Deste modo, elas reforçam aquilo que o *ethos* do grupo sempre esperou delas. Esta relação de poder é mais utilizada pelas mulheres que não estão em cargos de lideranças; ou seja, por mulheres com menor grau de escolaridade e de pouca instrução profissional. Assim, tal comportamento também pode sugerir uma resistência à alienação e à

degradação da vida na sociedade moderna, uma vez que esta as exclui das mesmas oportunidades oferecidas aos homens.

O ministério pastoral relaciona-se ao trabalho religioso prestado à comunidade. Por meio da socialização, as crenças e as práticas sugeridas pelo agente religioso ou sacerdote são incorporadas pelo grupo. Tornar-se um agente religioso é tornar-se dominante de um conjunto de esquemas de pensamento e de ação referentes ao sagrado. Para todas as entrevistadas, o exercício do trabalho religioso começa a partir de um “sim” ao convite de Deus; todavia, o engajamento pastoral corresponde ao “ministério do chamado”. Tal concepção de poder está associada a uma política pessoal de resistência à pobreza material e simbólica que estão submetidas, pois inseridas num meio sexista e racista elas tentam desenvolver, ao seu modo, pessoas mais sensíveis a estes problemas sociais. Na interação com os homens e as instituições, elas negociam a igualdade, o respeito e o poder resistindo à aceitação total do modelo de mulher ideal, e para isso, elas acabam adaptando a feminilidade de acordo com seus projetos, identidades e memórias a fim de evitar resultados indesejados.

Em síntese, o poder religioso é assimétrico e cada mulher pesquisada conseguiu em seus micro-espacos remover uma fatia desse poder para si e efetivar seus ganhos tanto materiais quanto simbólicos. Suas práticas cotidianas abriram e abrem espacos coletivos nos quais as demais mulheres podem superar condições de desigualdades produzidas pelos esquemas simbólicos e históricos. O presente estudo, mediado pela categoria de gênero, adota o conceito de poder foucaultiano para compreender as diferentes parcelas de poder conquistadas pelas mulheres pentecostais. Passagens bíblicas referentes à submissão da esposa ao marido, recebem releituras e reinterpretações devido à nova consciência sobre si mesmas, resultado de subjetividades e articulações de poder entre suas comunidades. A análise sociológica destas relações de gênero procura demonstrar que nem sempre a origem pobre, a idade precoce da entrada no mercado de trabalho, o casamento e gravidez são influências negativas para o destino social das mulheres. Não só a educação, mas a participação efetiva em organizações sociais, como as religiosas, também podem ser formas de expansão das capacidades femininas e de transformação em suas condições de vida, basta às mulheres tomarem consciência das ideologias operantes e dos mecanismos sistemáticos que as mantêm incapazes de decidir e de reagir às condições sociais desfavoráveis de seus projetos individuais.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembléia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2000. pp. 40.

CASTELHANO, E. *Ministério Feminino na Assembléia de Deus: uma análise introdutória de suas possibilidades, limitações e perspectivas*. Ed. Notas e Letras. Juiz de Fora, 2005. pp.68

BANDINI, Claudirene. A. *Costurando certo por linhas tortas: um estudo das práticas femininas no interior das convenções sociais*. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 2009.

_____. *Religião e Política: A participação política das igrejas pentecostais nas eleições de 2002*. Dissertação de mestrado. UFSCar. 2003.

BATTAGLIOLA, et al. *Dire sa vie! Entre travail et famille. La construction social des trajectoires*.CSU, Paris.1991.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Brasiliense. São Paulo, 1990.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da história oral*. Ed.Fundação Getúlio Vargas. 5ª edição. Rio de Janeiro, 2002. p.183-191.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Paidós. Barcelona, 2003

FRESTON,Paul Charles, *Protestante e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, 1994.

HUBBARD, Ruth. Algumas idéias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. In GERGEN, Mary McCanney. *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. Tradução: Ângela Melim. Edunb; Rosa dos Ventos. Brasília. 1999. pp.21-36.

ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta (orgs). *Empoderamento e direitos no combate à pobreza*. 2002.

SCOTT, James C. *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. New Haven Conn.: Yale University Press, 1990.

SCOTT, Joan.W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre. UFRGS.1990.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro,1999, pp.97-105.